

A universitária grávida: “e agora, o que você vai fazer?...” 2

Patrícia Regina Pizzorusso*
Rosângela Cláudia Novembre**
Joyce Maria Worschech Gabrielli***
Fernanda Araújo Lessa****
Nilza Teresa Rotter Pelá*****

RESUMO

Este estudo teve como objetivo levantar, a partir da fala de universitárias, as conseqüências de sua gravidez em seu desempenho escolar e no inter-relacionamento em sala de aula. Foram entrevistadas 11 alunas, dentre elas gestantes e puérperas, buscando obtenção de dados sobre a caracterização das alunas, e também suas falas sobre apoio de colegas de sala e rendimento escolar. Evidenciou-se nesta investigação que a gravidez gerou dificuldades no desempenho escolar das estudantes. A maioria destas obteve aceitação pelos colegas de sala, evidenciado pela colaboração das mesmas. Observou-se que as alunas entrevistadas, mesmo tendo um nível uni-

* Enfermeira.

** Enfermeira especialista em Terapia Intensiva do Hospital Beneficência Portuguesa – São Paulo.

*** Enfermeira do setor de emergência da Santa Casa de Ribeirão Preto – São Paulo.

**** Enfermeira docente. Mestre em enfermagem. Coordenadora do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Barão de Mauá.

***** Enfermeira Docente. Professora Titular do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Barão de Mauá. Membro efetivo da SBRASH.

Recebido em 05.11.00

Aprovado em 25.11.00

versitário, comportam-se como a maioria das adolescentes, que tendo vida sexual ativa, dão pouca importância ao uso adequado de contraceptivos.

I – INTRODUÇÃO

Na nossa vivência no meio universitário observamos, com inquietação, a ocorrência de gestação não-planejada entre universitárias, pois poderiam resultar em desvantagens físicas, emocionais, bem como prejuízos na frequência às aulas e notas desse segmento de alunas. Sabemos que o período universitário coincide com o término da adolescência uma vez que na atualidade, cronologicamente, essa fase se estenderia, em nossa sociedade, até os 25 anos (CAVALCANTI, 1988).

Estudando o aluno ingressante na universidade, JORGE (1992) constatou entre eles o sentimento de liberdade, conquistada por estarem livres dos pais, bem como de importância e superioridade por ingressar no mundo universitário.

A opinião de alunas universitárias sobre atividade sexual da mulher antes do casamento foi captada por LORENS (1990) entre 321 alunas. Constatou-se que estas mulheres aprovavam, mas não totalmente, a liberdade sexual da mulher antes do casamento (67.0%) e que a maioria dariam às suas filhas liberdade maior ou igual a que usufruíam.

Buscando identificar os problemas sexuais de universitários, ABDO (1994) e RODRIGUES JUNIOR et al. (1992) constataram a ocorrência de vários deles, evidenciando que o estereótipo de “jovens e capazes” nem sempre é verdadeiro para este grupo.

RODRIGUES JUNIOR et al. (1991), estudando 100 universitárias paulistas entre 17 a 45 anos, constatou que 90% delas já haviam experienciado a relação sexual e que 30% destas referiam sentimento de culpa, e não se sentiam preparadas para o 1º coito.

DIAZ et al. (1992), preocupando-se com essa temática realizaram um estudo sobre universitários dos primeiros anos da Unicamp e encontraram no grupo de mulheres que “uma em cada quatro já teve uma gravidez indesejada e 70% dessas recorreram ao aborto”.

Consideram esses autores que embora sabendo dos riscos de uma gravidez indesejada, a universitária não se encontra capaz para assumir uma vida sexual ativa, por desconhecer ou omitir os métodos de contracepção. E quando optam pela manutenção da gravidez, quais são as dificuldades e limitações que a universitária grávida encontra para levar adiante sua gravidez? Como se comportam seus colegas?

Diante desses questionamentos, nosso objetivo no presente estudo é levantar, a partir da fala de universitárias, as conseqüências de sua gravidez em seu desempenho escolar e no inter-relacionamento em sala de aula.

II – MATERIAL E MÉTODO

O presente estudo foi realizado em uma instituição de ensino privada, situada em uma cidade de médio porte do interior do Estado de São Paulo, que mantinha, na época da coleta de dados, cursos de Enfermagem, Biomedicina, Letras, Pedagogia, História, Geografia, Matemática e Biologia.

II.1 – População Alvo e Amostra

Teve-se como população-alvo as alunas gestantes e puérperas, cujos partos ocorreram nos últimos seis meses antes da coleta de dados e que eram regularmente matriculadas nos cursos anteriormente citados. A amostra do estudo foi constituída por 11 alunas identificadas a partir da indicação dos coordenadores de curso.

Assegurou-se às mesmas o anonimato e obteve-se a aquiescência verbal para publicação dos resultados.

II.2 – Instrumento de coleta de dados

Elaborou-se um formulário para orientar uma entrevista semidiretiva, na qual se buscava obtenção de dados sobre a caracterização das alunas (idade, estado civil, profissão, renda, com quem reside, recebe apoio dos pais e/ou do pai da criança, qual curso faz e que ano está cursando), bem como suas falas sobre apoio de colegas de sala e rendimento escolar.

O instrumento foi submetido à avaliação aparente e de conteúdo por duas professoras do curso de graduação em enfermagem e após, testado com uma aluna puérpera do quarto ano do curso de Enfermagem que não compôs a amostra em estudo (Anexo 1).

As entrevistadoras foram orientadas e padronizadas para coleta de dados através de simulação.

II.3 – Análise dos dados

Utilizou-se a estatística descritiva para tratamento dos dados quantitativos e para os dados qualitativos usou-se a análise de prosa (ANDRÉ, 1983).

III – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por indicação dos coordenadores dos cursos foram entrevistadas 11 alunas que preencheram os critérios de inclusão na amostra, sendo 3 do Curso de Enfermagem, 4 de Pedagogia, 2 de Biomedicina, 1 de Letras e 1 de Geografia. As características dessas alunas estão apresentadas no Quadro I.

Quadro I – Características das 11 alunas entrevistadas.

Entrevistada	Reside com	Gravidez	Contraceção 6 meses antes da gravidez	Apoio pais	Apoio pai da criança	Renda
1 Primípara solteira, 27 anos	com amigos	não-planejada	sim/camisinha ocasionalmente	sim	indiferente	principal
2 Primípara solteira, 28 anos	parceiro	não-planejada	sim/pílula freqüentemente	sim	secundária	não se aplica
3 Primípara solteira, 26 anos	parceiro	não-planejada	não	sim	sim	principal
4 Secundípara casada, 31 anos	marido	desejada	sim/camisinha	sim	sim	secundária
5 Secundípara casada, 20 anos	marido	não-planejada	não	sim	sim	secundária
6 Primípara solteira, 20 anos	com os pais	não-planejada	não	sim	não	secundária
7 Primípara solteira, 23 anos	com os pais	não-planejada	não	sim	sim	secundária
8 Primípara solteira, 21 anos	com os pais	desejada	não	sim	sim	não se aplica
9 Primigesta casada, 20 anos	marido	não-planejada	não	sim	sim	principal
10 Primigesta casada, 22 anos	marido	não-planejada	sim/pílula freqüentemente	sim	sim	não se aplica
11 Primigesta casada, 24 anos	marido	não-planejada	sim/pílula freqüentemente	sim	sim	secundária

Das 11 universitárias estudadas, 7 encontravam-se na fase final da adolescência, pois tinham menos de 25 anos (CAVALCANTI, 1988), das quais 4 são casadas e 3 são solteiras. Das demais, com mais de 25 anos, 3 são solteiras e 1 é casada.

Contraditório foi o comportamento de seis das universitárias que, referindo ser sua gravidez não-planejada, cinco não usaram qualquer método contraceptivo e uma usou de forma ocasional.

Para MAIA & LOPES (1995) este tipo de ocorrência decorre do romantismo sexual que torna a mulher espectadora de sua relação sexual e não co-responsável. "Assumir a vida sexual ativa e uma anticoncepção efetiva implica em romper tabus e suplantam a culpa que vem junto com o prazer. Assumir a anticoncepção é assumir a própria sexualidade" (p. 115).

Uma universitária (8) solteira, vivendo em companhia dos pais e sem renda própria, refere ser sua gravidez desejada. Culturalmente a mulher brasileira não sente o consentimento social para manter uma vida sexual ativa no nível do desejo, busca e planejamento, portanto a mulher que "peca no sexo deve se redimir no filho" (MAIA & LOPES, 1995, p. 118). Parece ser esta a ótica desta universitária.

Todas as estudantes solteiras referem ter apoio de seus pais; dentre estas, uma declara a atitude de indiferença e uma de não-aceitação do pai da criança; as demais referem ter esse apoio.

Quando interrogadas em qual mês de gestação notificaram seus colegas de classe, quatro disseram ter sido no primeiro mês, quatro no segundo mês, uma no terceiro mês e duas no quarto mês. Uma aluna relatou que seus colegas de classe "não aceitaram o fato como coisa normal" e sentiu o afastamento de seu grupo; as demais sentiram-se apoiadas pelos colegas de sala através de manifestações de carinho, compreensão e amizade.

Relataram faltas frequentes sete alunas, sendo que três atribuíram a ocorrência de náuseas; uma, problema com o pai da criança; uma, por mal-estar; uma, por início de aborto e uma pelo fato de ter casado e ido viajar.

Nestas circunstâncias, dez alunas declararam colaboração dos colegas e uma referiu que o grupo se afastou.

Em cada um desses itens acima apresentados, foi solicitado à entrevistada que falasse a respeito. Essas falas foram submetidas à análise de prosa (ANDRÉ, 1983) como "um meio de levantar questões sobre o conteúdo de um determinado material", ou seja, buscar os significados implícitos e explícitos do que é verbalizado.

Os temas gerados por essa análise foram: fatores prejudicando o desempenho escolar, reações dos colegas, contando aos colegas de sala, atitude dos colegas, colaboração do grupo da sala, reações da estudante grávida e perspectivas da estudante.

Apresentamos as categorias que compuseram cada tópico ou tema.

Fatores prejudicando o desempenho escolar

- desânimo
- dificuldade
- sono

Contando aos colegas

- eu dei a notícia
- outros contaram

Reações dos colegas

- surpresa
- alegria
- preocupação
- desaprovação

Atitude dos colegas

- censura
- cuidado/proteção
- indiferença

Colaboração do grupo da sala

- o grupo colaborou
- o grupo não colaborou

Reações da estudante grávida

- conciliar as duas coisas
- não deixar a faculdade
- optaria pelo filho

Perspectivas das estudantes

- eu quero continuar
- cuidar do filho

Sete das onze alunas relataram a ocorrência de fatores que prejudicaram seu desempenho escolar, sendo que o relato de dificuldades aparece em cinco alunas com maior número de falas. Essas dificuldades apresentaram-se diversificadas: Começo de aborto (“... no princípio tive início de aborto...”), depressão (“... eu chorava muito por causa da depressão...”), e dificuldades com o pai da criança (“... foi porque eu estava com problemas psicológicos, em relação ao pai da criança, por não aceitar ainda a gravidez...”).

Essas alunas, além das alterações próprias do início da gravidez, aqui retratadas como sono e desânimo, ainda enfrentam uma série de dificuldades que refletem sobre seu desempenho escolar, evidenciados nas seguintes falas, oriundas de 4 alunas:

“... como eu não vim por problema de gestação eu perdi dois pontos...” (6)

“... eu sentia dificuldade por ter estágio...” (5)

“... caiu muito a nota, peguei exame, mas passei em todas...” (2)

“... pelas faltas não houve possibilidades de um aproveitamento bom...” (3)

Mesmo sendo difícil e penoso para a estudante sua gravidez, cinco delas comunicaram à classe sua gravidez (“... falei para as meninas: fiquei grávida” “... a minha menstruação está atrasada, depois de uma semana, a Rafaela está a caminho...”), duas contaram com ajuda de amigas para comunicar à classe (“... quando cheguei na sala de aula já sabiam...” “... e ela contou para o resto da sala...”) e três alunas contaram para amigas mais próximas que divulgaram a notícia (“... ela ajudou a falar para outras pessoas...”). Tomando conhecimento de que a colega está grávida os demais universitários reagiram de maneira diferente.

As reações das colegas, verbalizadas pela aluna grávida foram de surpresa, alegria, preocupação e desaprovação. Alegria das colegas foi relatado por oito estudantes grávidas com doze unidades de fala (“... todo mundo adorou...” “... as meninas ficaram contentes...”). A surpresa (“... não sei se se espantaram com a notícia...”), verbalizada por três grávidas com três unidades de fala e a preocupação (“... e agora, o que você vai fazer?...”) também ficou evidenciada na fala de três entrevistadas com cinco unidades. Não só reações positivas foram encontradas, também a desaprovação emergiu na fala de duas alunas (“... teve quem me encostou dizendo se eu não queria fazer aborto...” “... você é louca!...”) com cinco unidades de fala.

Surpresas, alegres, preocupadas e desaprovando, as colegas da classe apresentaram atitudes de censura, cuidado/proteção e indiferença.

A atitude de cuidado/proteção emergiu na fala de oito estudantes grávidas com dezessete unidades de fala (“... todo mundo ficou papapicando...” “... perguntam todos os dias como eu passei...”); a indiferença foi relatada por três alunas entrevistadas com cinco unidades de fala (“... não houve nenhum tipo de comentário...” “... era final de ano, com prova, cada um se preocupava com a sua...”) e uma aluna (6) sentiu-se censurada (“... não aceitavam como coisa normal...”).

Diferenciando a atitude das colegas, há os que colaboram ou não com a gestante.

Com a polarização de atitude entre cuidado/proteção, indiferença e censura, já era de se esperar que essas grávidas sentissem ou não colaboração do grupo da sala. Sentiram essa colaboração quatro grávidas com sete unidades de fala (“... mudavam a data do trabalho...” “... ajudavam nas provas...”). A mesma aluna (6) que relatou sentimento de censura evidencia a não-colaboração de seus colegas (“... elas não acharam justo eu ter 2 pontos se eu não havia apresentado o trabalho...”).

O advento da gravidez mobilizou reações das alunas quanto a continuar ou não seus estudos.

Sonolentas, desanimadas, vivenciando dificuldades, a maioria (sete alunas) manifestou que seu impulso foi no sentido de conciliar gravidez e atividade de estudo (“... sempre quis conciliar, nunca optar...” “... mas eu queria muito as duas coisas...”), não deixar a faculdade também foi identificada na fala de seis alunas (“... em momento algum eu pensei em deixar a faculdade...” “... vai empurrando até o final do ano para ver o que acontece...”) e três das grávidas verbalizaram com três unidades de fala que se fosse necessário optar, optaria pelo filho (“... se eu não tivesse dado conta, eu pararia a faculdade...” “... houve dúvida porque pensei assim, se não der para fazer a faculdade, faço depois...”).

Optando por conciliar faculdade e gravidez, essas alunas falaram sobre suas expectativas.

A busca da realização pessoal, inerente a todo ser humano, também ficou evidente na fala dessas alunas quando discorreram sobre suas perspectivas futuras. Assim, a categoria – eu quero continuar –, foi identificada em cinco dessas alunas com sete unidades de fala (“... eu pretendo concluir o curso...” “... futuramente pretendo fazer pós-graduação...”). A perspectiva do cuidado do filho também ficou manifesta em quatro entrevistadas em cinco unidades de fala (“... me dedicar à minha filha para compensar o tempo que fiquei longe dela...” “... ficar o mais tempo possível com meu filho...”).

Os dados acima apresentados evidenciaram que a gravidez, de modo geral, trouxe dificuldades para o bom desempenho escolar das estudantes, no entanto, a maioria de nossas entrevistadas conseguiu superar essas dificuldades pelo apoio dos colegas de sala.

Houve aceitação pela maioria deles, com uma situação esporádica de rejeição.

Dentro deste contexto, há que se considerar que o período de gravidez é uma fase de crise não patológica com amplos processos de adaptação a novas condições corporais, psicológicas e sociais. Ocorrendo concomitantemente ao período universitário, que se caracteriza pela fase de ensaio e estabilização da identidade profissional, sem dúvida se constitui de uma sobrecarga (RAMOS & CECÍLIO, 1998; Antonini apud A HORA..., 1995).

COMENTÁRIOS

Essa pesquisa nos mostrou que há necessidade de uma educação sexual precoce, caminho este que talvez pudesse evitar situações não-desejadas, como a gravidez, em um período em que a jovem passa por transformações psicossociais e ainda tem uma sobrecarga de atividades caracterizada pela vida universitária que demanda dedicação intensa aos estudos.

As dificuldades de se fazer a educação sexual tem sido enfatizada por grande número de autores (MENDONÇA et col., 1993), quer na internalidade da família, da escola e da sociedade em geral.

Evidenciou-se, nesta investigação, que as alunas entrevistadas, mesmo tendo nível universitário, comportam-se de uma forma romântica e onipotente pois, tendo vida sexual ativa dão pouca importância ao uso adequado de contraceptivos.

Reverter essa situação, necessariamente, passa por um processo diferenciado onde família, escola e sociedade participem com a cota de responsabilidade que compete a cada um desses segmentos.

Qual?

- | | |
|------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Tabela | <input type="checkbox"/> Pílula anticoncepcional |
| <input type="checkbox"/> Camisinha | <input type="checkbox"/> Coito interrompido |
| <input type="checkbox"/> Diafragma | <input type="checkbox"/> Combinado |
| <input type="checkbox"/> DIU | <input type="checkbox"/> Outros: _____ |

Quando?

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Nunca | <input type="checkbox"/> Ocasionalmente |
| <input type="checkbox"/> Frequentemente | <input type="checkbox"/> Em todas as relações |

11. Em que mês de gestação você contou ao seu grupo de sala de aula?

12. Quais as reações encontradas após a revelação da sua gravidez?

13. Como foi dada a notícia ao grupo?

14. Alguma pessoa se afastou após a revelação?

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
|------------------------------|------------------------------|

Fale a respeito: _____

15. O que você sentiu no grupo, após a sua revelação?

- | | |
|--------------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> Apoio | <input type="checkbox"/> Rejeição |
| <input type="checkbox"/> Indiferença | <input type="checkbox"/> Outros: _____ |

16. Quais são as reais mudanças ocorridas em relação ao grupo?

17. Ocorreram faltas frequentes relacionadas com a gravidez?

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Sim | <input type="checkbox"/> Não |
|------------------------------|------------------------------|

Estas faltas ocorreram:

- Nos primeiros três meses
 Nos meses seguintes

Qual o motivo?

- Náuseas Constrangimento pela gravidez
 Mal-estar Não-aceitação da gravidez

18. Houve mudanças no seu desempenho, em relação às notas, por causa da gravidez?

- Sim Não

Fale a respeito: _____

19. Se as dificuldades ocorreram (quanto às faltas e notas), houve colaboração do grupo em lhe ajudar?

- Sim Não

Fale a respeito: _____

20. Em algum momento, houve dúvida em optar pela gravidez, faculdade, ou então conciliar as duas?

- Sim Não

Fale a respeito: _____

21. Esta é a sua primeira gravidez?

- Sim Não

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDO, C. H. N. *Sexualidade: relevância no meio universitário*. Revista Paulista de Medicina, v. 102, n. 6, p. 282, 1994.
- A HORA DA VIRADA. *Viver psicologia*, v. 3, n. 31, p. 9, 1995.
- ANDRÉ, M. E. D. A. *Texto, contexto e significados: algumas questões na análise de dados qualitativos*. Caderno Pesquisa, v. 45, p. 66-71, maio 1983.
- CAVALCANTI, R. C. Adolescência. In: VITIELLO et al. *Adolescência Hoje*. São Paulo, Roca, 1988, cap. 2, p. 6-21.
- DIAZ, M. et al. Uso de anticoncepcionais e gravidez indesejada entre os estudantes dos dois primeiros anos da Unicamp. In: LOPES, G. P. et al. *Sexologia Integral*. Curitiba, Relisul, 1992. cap. 1, p. 26-34.
- JORGE, M. S. B. *O aluno ingressante na universidade: uma perspectiva de compreensão*. Ribeirão Preto, 84 p. Dissertação (Mestrado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1992.
- LORENS, O. Sexualidade da mulher antes do casamento. *Opiniões de alunas de enfermagem*. Acta Paulista de Enfermagem, v. 3, n. 2, p. 64-67, 1990.
- MAIA, M.; LOPES, G. Contracepção – as causas do fracasso. In: LOPES, G. et al. *Sexologia e ginecologia*. Rio de Janeiro, Medsi, cap. 15, p. 113-118, 1995.
- MENDONÇA, A. M. G. et al. Educação sexual nas escolas: afinal, a quem cabe esse papel? In: RIBEIRO, M. (org.) *Educação sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1993, cap. VIII, p. 231-278.
- RAMOS, M. H. M.; CECÍLIO, M. *A gravidez ao longo dos tempos*. Nursing, v. 10, n. 118, p. 26-27, 1998.
- RODRIGUES JUNIOR, O. M. et al. *Autoconfiança sexual em estudantes universitários: um estudo piloto descrito de prevalência*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 3, n. 1, p. 95-102, 1992.
- RODRIGUES JUNIOR, O. M. et al. *Primeiro coito e a opinião sobre esta influência em universitárias paulistas*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 2, n. 2, p. 162-171, 1991.